

**AS REPRESENTAÇÕES DA ALTERIDADE EM
MÁS ALLÁ DEL INVIERNO, DE ISABEL ALLENDE****THE REPRESENTATIONS OF ALTERITY IN
MÁS ALLÁ DEL INVIERNO, BY ISABEL ALLENDE**Vitória Katherynne da Costa HOLANDA¹Tatiana da Silva CAPAVERDE²

RESUMO: A partir do entendimento de que os processos de identidade/alteridade são construídos a partir do contato com outras línguas e culturas, observa-se que o tema do “outro” tem-se destacado em narrativas contemporâneas que abordam situações de deslocamento. Dessa maneira, o presente artigo busca investigar a construção da identidade/alteridade na obra *Más allá del invierno* (2017), de Isabel Allende, a partir da personagem Evelyn Ortega, guatemalteca, que vive como imigrante ilegal nos Estados Unidos. Para isso, o estudo busca analisar a obra a partir do conceito de identidade cultural de Figueiredo e Noronha (2005), usando também os conceitos de “raiz” e “rizoma” de Deleuze e Guattari (1995).

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Alteridade. Raíz. Língua materna.

ABSTRACT: As the identity/alterity processes are built from contact with other languages and cultures, one can perceive that the approach on the “other” stands out in contemporary narratives that address moving situations. Thus, this paper aims to investigate the construction of identity/alterity in the work *Más allá del invierno* (2017), by Isabel Allende, based on the character Evelyn Ortega, Guatemalan, who lives as an illegal immigrant in the United States. Therefore, this study proposes delving into the concept of cultural identity by Figueiredo and Noronha (2005), in addition to the concepts of “root” and “rhizome” by Deleuze and Guattari (1995).

KEYWORDS: Identity. Alterity. Root. Mother language.

Introdução

A escritora Isabel Allende³ em uma de suas obras mais recentes, *Más allá del invierno* (2017), apresenta a história de três personagens de nacionalidades diferentes

1. Acadêmica do curso de Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal de Roraima. Pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica da UFRR. E-mail: vkatherynne@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4103-7654>.

2. Profª. Drª do Curso de Letras – Português e Espanhol e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR. Orientadora do projeto de Iniciação Científica vinculado ao projeto de pesquisa Deslocamentos Culturais nas Literaturas Hispânicas. E-mail: taticapa@ufrr.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-7640>.

3. Isabel Allende Llona, nasceu em Lima (Peru) no dia 2 de agosto de 1942. Possui nacionalidade chilena e além de escritora, trabalha como jornalista desde os 17 anos. Viveu na Venezuela, em seu exílio, onde trabalhou em uma escola e publicou seu primeiro livro, *A Casa dos Espíritos* (1982). A autora também é famosa pelas obras: *Cuentos de Eva Luna* (1987), *Paula* (1994), *El cuaderno de Maya* (2011) e *Más allá del invierno* (2017). Casou-se com Willie Gordon, com quem vive em São José, Califórnia, desde 1988.

que se encontram no Brooklyn, Estados Unidos, em 2016. A primeira personagem é a chilena Lucía Maraz, filha de mãe solteira, viveu o período ditatorial do Chile, no qual é obrigada a fugir do país. Divorciada, mãe de Daniela, aos 62 anos se torna professora seletiva na Universidade de Nova York, no Brooklyn, e passa a morar no porão de seu chefe: Richard Bowmaster.

O segundo personagem se chama Richard. Descrito como um “*hombre de ánimo sombrío*” (ALLENDE, 2017, p. 16), Richard é neto de judeus que viviam na Alemanha, na época do Nazismo e emigraram para a Palestina ilegalmente, enquanto enviavam o pai de Richard para a França para estudar. Com 60 anos, viveu em diversos países, dentre eles o Brasil, no qual se casou com sua falecida esposa, Anita, e teve dois filhos, também falecidos.

Evelyn Ortega, terceira personagem, nasceu em uma aldeia da Guatemala, Monja Blanca del Vale. Seu irmão mais velho se juntou a uma gangue ainda antes dos 18 anos de idade e foi morto por traição a quadrilha. Por conta do envolvimento do irmão com o crime organizado, presenciou a morte de seu segundo irmão, enquanto era agredida. Para fugir da violência, emigrou de seu país a procura de um lugar seguro para viver.

Tendo em vista que os três personagens são estrangeiros no país em que vivem, a análise parte da figura do Estrangeiro, definido a partir de Souza (1998, p. 155):

[...] é o outro do familiar, o estranho; o outro do conhecido, o desconhecido; o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte. Para psicanálise, o estrangeiro é o eu. O eu não tomado como quer o senso comum – unitário, coerente, idêntico a si mesmo –, mas o eu pensando em sua condição paradoxal – dividido, discordante, diferente de si mesmo.

Isto é, o estrangeiro é o “outro”, aquele que não faz parte do local habitual em que vive. Os três protagonistas são duplamente estrangeiros, primeiro por não ser parte do país em que estão localizados e segundo em comparação uns com os outros, visto que seus países de origem são diferentes. Dessa forma, cada personagem constrói sua identidade a partir de seu distanciamento do país em que nasceu e continua construindo ao relacionar-se com os “outros” personagens. Como afirmam Figueiredo e Noronha (2005, p. 191), “[...] uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida [...]”.

Dessa maneira, esse artigo pretende analisar a formação da identidade da personagem Evelyn Ortega com base no conceito de identidade cultural definido por Figueiredo e Noronha (2005), além do uso dos conceitos de “raiz” e “rizoma” de Deleuze e Guattari (1995) a fim de tratar da construção identitária da personagem no contexto contemporâneo em situação de deslocamento cultural.

1. Evelyn, estrangeira onde estiver

Dentro da América Latina, a alteridade passou a ser tema literário desde meados de seu descobrimento. Como afirma Pizarro (2012, p. 19), “Durante a segunda metade desse período, mais precisamente a partir dos anos 1970, começou lentamente a ganhar relevância e ser levada em consideração a percepção da diversidade continental”, ou seja, a trabalhar a percepção do “outro”.

Tendo isso em vista, na obra de Isabel Allende, *Más allá del invierno* (2017), embora os protagonistas se localizem em Brooklyn, Nova York, todos transitam, em algum momento da narrativa pela América Latina. Enquanto Lucía Maraz nasceu no Chile e Evelyn Ortega nasceu em Guatemala, Richard Bowmaster viveu e casou-se no Brasil. Dessa forma, todos constituem sua identidade, em parte, dentro da diversidade da América Latina.

Figueiredo e Noronha (2005, p. 189) discutem em seu texto a identidade no contexto contemporâneo apontando que “fala-se, cada vez mais, de identidades plurais, ou, ainda, de identificações, que teriam o caráter provisório porque em constante devir”, ou seja, que cada vez mais o indivíduo não tem uma identidade fixa, mas provisória que se modifica de acordo com as suas necessidades. Conforme Figueiredo e Noronha (2005, p. 191), isso ocorre porque “[...] uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida [...]”, assim o indivíduo constrói sua identidade apoiado em seu grupo comum e em seu contato com outros grupos identitários. Uma identidade está em constante negociação, e, logo, construção.

Dessa forma, na obra de Isabel Allende (2017), Lucía, Evelyn e Richard constroem sua identidade ao longo da narrativa, levando em conta o contexto em que viveram em seus países de origem, o contato com localidades e comunidades diferentes e o trânsito entre a América Latina e o Estados Unidos.

Taylor (1994, p. 41-42 *apud* FIGUEREIDO; NORONHA, 2005, p. 189) considera que “nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela”. A respeito da noção de conhecimento, Figueiredo e Noronha (2005) trabalham dois conceitos identitários: “identidade nacional” e “identidade cultural”. Tendo em vista que a identidade é estabelecida através do reconhecimento da comunidade em relação aos indivíduos que a compõe, do reconhecimento do indivíduo em relação a si mesmo a partir da coletividade e do que as outras associações estabelecem a partir da análise do indivíduo e do grupo. Por consequência, as identidades são construídas a partir das semelhanças.

Em se tratando de “identidade nacional”, o reconhecimento é exigido para que uma nação seja classificada como nação e, para tanto, existem critérios para que seja concedido. Entre 1830 e 1880, durante o liberalismo triunfante, são definidos três parâmetros: estado efetivo, língua comum e escrita e força militar, ou seja, sem

esses três era impossível se constituir uma nação. Já em se tratando da “identidade cultural” o reconhecimento é necessário para que uma cultura seja admitida como própria, tendo em vista que essa identidade não está ligada a um território ou um Estado-Nação, mas sim às relações culturais estabelecidas através da língua, dos valores, dos sentidos e dos símbolos comuns.

Embora não haja ligação direta entre a “identidade cultural” e um território fixo, em *Más allá del invierno* (2017) essa relação se percebe no comportamento de Richard, que ao encontrar Evelyn Ortega supôs que se tratava de uma centro-americana por conta de seu tamanho, e, além disso, consegue reconhecer o acento da guatemalteca. Dessa maneira, o personagem faz referência à “identidade cultural”, por meio da língua de Evelyn com base no reconhecimento territorial, ou seja, elemento que faz referência ao território da América Central. Uma vez que a língua é também um elemento cultural, percebe-se a inter-relação desses elementos na construção identitária de Evelyn.

Para Silva (2012, p. 74), “Identidade é simplesmente aquilo que se é”, ou seja, Evelyn é guatemalteca porque nasceu na Guatemala. Com base nisso, a identidade é independente de outros conceitos e afirmações, ela se basta. Silva (2012, p. 74), em contrapartida, apresenta o conceito de diferença que “[...] também é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é”, dessa forma, a diferença ou o “outro” é o que não é reconhecido como parte do grupo.

Evelyn não é reconhecida como norte-americana por suas características físicas, por pertencer a um determinado estereótipo, como visto no trecho “*Richard repitió lo mismo en español, porque el tamaño de la visitante le sugirió que seguramente provenía de Centroamérica*” (ALLENDE, 2017, p. 36). Como consequência, essa diferença de Evelyn ressalta seu não pertencimento aos Estados Unidos, o que leva ao processo seguinte: o reconhecimento da protagonista como de outra parte, Evelyn é o “outro” de Richard, o desconhecido (SOUZA, 1998).

Por outro lado, a identidade e a diferença estão diretamente ligadas, visto que a diferença pode ser percebida quando em contraste com o que é igual (identidade), isto é, uma chilena é diferente de um norte-americano, assim como um norte-americano é diferente de uma chilena, os dois são diferença quando percebidos dentro de um grupo igual. Do mesmo modo, a igualdade se manifesta diante da diferença, por exemplo, um norte-americano não é chileno, porque não nasceu no Chile como um chileno e não fala a língua espanhola como um chileno. Nessa perspectiva, a identidade e a diferença “são vistas como mutuamente determinadas” (SILVA, 2012, p. 77).

Zilá Bernd (2003, p. 17) aponta para a conexão entre a identidade e a diferença quando afirma que “a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de *alteridade*: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo (*idem*)”. Pois, não é possível

perceber o indivíduo isoladamente, deve-se analisá-lo de acordo com sua comunidade. Em seu primeiro encontro com Evelyn, Richard a analisa a partir de estereótipos de sua comunidade, isto é, observou sua estatura e a relacionou a seu subcontinente, a América Central. Assim, Bernd (2003, p. 18) também aborda a identidade como processo “em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e interagindo na trama discursiva sem paralisá-la”, tendo em vista que a identidade não é permanente, mas está em “permanente incompletude” (BERND, 2003, p. 27).

Uma evidência literária da interconexão entre identidade e alteridade é o tartamudear de Evelyn após a perda de seu primeiro irmão, “*Para entonces ya era evidente que la visión del hermano en el puente le había enredado el pensamiento y la lengua a Evelyn. [...] perdió el apetito y la capacidad de hilvanar sílabas de corrido; tartamudeaba tanto que ni a su abuela le alcanzaba el cariño para tratar de entenderla.*” (ALLENDE, 2017, p. 60). Evelyn se torna gaga e, posteriormente, em consequência da violência sexual que sofre na Guatemala, para de falar, como aponta o trecho: “*Si antes Evelyn tartamudeaba, después de la violación simplemente dejó de hablar*” (ALLENDE, 2017, p. 110).

Dessa forma, Evelyn se distancia da sua língua materna após o trauma. A partir da afirmação da inexistência de língua materna de Derrida (2001) que justifica “não há língua materna, pois a língua dita materna nunca é puramente natural, nem própria, nem habitável” (p. 90, *apud* Eckert-Hoff, 2011, p. 182), Eckert-Hoff (2011, p. 182) explica “que a relação sujeito x língua(s) é sempre conflituosa: estrangeira, na medida em que provoca estranhamentos; materna, por incitar inscrições na língua, da língua e pela língua”. Ou seja, a língua materna de Evelyn se torna estrangeira na medida em que a protagonista se distancia dela, porém ainda é materna porque ela ainda se inscreve na língua, mesmo que de forma dificultosa por conta da gagueira.

A relação de Evelyn com sua língua materna pode ser descrita pela expressão “A estranha língua materna” que Uyeno (2011) utiliza para designar uma alusão ao “paradoxal estranhamento que a língua dita língua materna, decantada como cara, constitutiva do sujeito, possa nele causar” (UYENO, 2011, p. 264). A língua que antes constitui a migrante lhe causa um estranhamento e assim, durante o enredo, a personagem passa a ser reconhecida na mesma medida como guatemalteca e como gaga, como se percebe no trecho: “*nadie se preocupaba por la niñera guatemalteca, insignificante y tartamuda*” (ALLENDE, 2017, p. 287). Isso ocorre porque a língua é um elemento identitário do qual ela se distancia, assim como seu nome próprio. Evelyn, em fuga das gangues de seu país, é encaminhada a um grupo de cinco migrantes acompanhados por Berto Cabrera, um mexicano contratado para guiá-los aos Estados Unidos. Como primeira etapa da fuga, os migrantes passariam pelo México. Para isso, Berto modifica a identidade dos passageiros de forma a disfarçá-los de mexicanos. O coite instrui os migrantes da seguinte forma:

Una vez fuera de Guatemala, pasarían por mexicanos, no había vuelta atrás y deberían obedecer las instrucciones del coyote sin chistar. Evelyn sería estudiante de una supuesta escuela de monjas para niños sordomudos de Durango. Los otros pasajeros aprendieron el himno nacional de México y varias palabras de uso común, que eran diferentes en los dos países. Eso los ayudaría a pasar por mexicanos auténticos si eran detenidos por la Migración. El coyote les prohibió hablar de vos, como en Guatemala. Con cualquier persona de autoridad o con uniforme se empleaba “usted”, por precaución y respeto, y con el resto se usaba el término informal de “tú”. Evelyn, como sordomuda, permanecería callada y si las autoridades le hacían preguntas, Berto les mostraría un certificado de la escuela ficticia (ALLENDE, 2017, p. 118).

A fim de passar despercebidos, os outros passageiros aprenderam a língua dos mexicanos, considerando que nos dois países (Guatemala e México) há uma variação linguística do Espanhol, incluindo o uso dos pronomes. Eckert-Hoff (2011), em seu texto “Sujeitos entre-línguas, entre-culturas em contextos de imigração no sul do Brasil: uma questão de bilinguismo?”, aponta o significado de adentrar a um novo código linguístico em situação de migração: “Instado a falar sobre sua inserção no processo de escolarização, [...] [o qual] marca a inscrição na língua do outro, num mundo outro ‘*tinha que deixar tudo do lado de fora e entrar em outra língua*’” (ECKERT-HOFF, 2011, p. 187).

Eckert-Hoff (2011) explica que a marcação do imigrante “*tinha que deixar tudo do lado de fora e entrar em outra língua*”

[...] remete a uma questão de territorialização, já que, conforme Scherer (2005), o território é também o meio e o lugar de negociação na/pela e com a língua. ‘*Do lado de fora*’ indicia a não pertença, fora da língua, fora da Nação, o não lugar, estar num território que não é o mesmo habitado pela língua, logo desterritorializado, estranho na própria casa, o idioma falado pela e na Nação não lhe pertence. *Do lado de fora* é a condição de exílio (p. 187).

Ou seja, o imigrante no sul do Brasil deveria deixar de falar sua língua e se adaptar a língua de um espaço ao qual ele não pertence. Assim como os acompanhantes de Evelyn deveriam deixar sua língua “do lado de fora” e se encaixar a língua mexicana. Logo, retorno a Uyeno (2011, p. 265) que afirma “[...] à luz de concepções psicanalíticas, essa língua materna que se supõe do imigrante já é, a rigor, uma língua estrangeira em relação à singularmente sua que lhe fora interdita, quando lhe foi concedida a entrada no mundo simbólico, no mundo da cultura”. O grupo de imigrantes deixou sua língua “do lado de fora”, pois tiveram sua língua interdita sem opção de retorno a ela durante a passagem pelo México e dessa forma a língua guatemalteca se torna uma língua estrangeira para eles.

Assim como os outros migrantes, Evelyn passa a estranhar sua língua e se isolar completamente, pois além de não poder falar com seu acento a ela é destinada a aparência de surdo muda, de maneira a não precisar falar em nenhum momento durante

a passagem pelo México. Como afirma Kristeva (1994, p. 23): “Assim, entre duas línguas, o seu elemento é o silêncio”. Para Kristeva (1994), esse silêncio é uma fuga dos estrangeiros a língua do “outro”, visto que o código do falante original é impossível de ser apreendido totalmente pelo estrangeiro. Essa relação não se aplica totalmente a Evelyn, pois o silêncio da guatemalteca se inicia ainda em seu país de origem e, em seguida, lhe é imposto na mudança de identidade para passar despercebida na entrada em um novo país. Esse apagamento cultural é ainda reforçado pela mudança de identidade, visto que além de modificar a língua dos estrangeiros, para encobrir as verdadeiras identidades dos passageiros, Berto lhes entrega identidades falsas, com novos nomes e lhes instrui que “*A partir de ese momento sólo podían usar el nuevo nombre, era mejor que no supieran los verdaderos nombres de los otros pasajeros. [...] Evelyn le mostró su cédula. Su nuevo nombre era Pilar Saravia*” (ALLENDE, 2017, p. 118). Deleuze e Guattari (1995) justificam a necessidade de preservação do nome e o uso de pseudônimos na escrita do texto com a seguinte afirmação “Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar” (p. 2). Ou seja, o objetivo de modificar o nome dos passageiros, assim como dos autores, é fazer com que eles passem despercebidos, com suas identidades modificadas. Dentro dessa construção que reúne sequelas de um trauma e o deslocamento entre países, o seu novo idioma passa a ser o silêncio e o anonimato.

Convenientemente, Evelyn se apossa da mudez anteriormente lhe imposta. Embora, seus colegas de emigração soubessem que não era surdo muda, pois “*le habían escuchado decir algunas palabras sueltas*” (ALLENDE, 2017, p. 146), diante das ordens de Berto, Evelyn não pronuncia nenhuma palavra, como se pode perceber no trecho: “*La muchacha quiso protestar, pero no pudo emitir ni un sonido, muda y horrorizada ante el hecho de haber llegado hasta allí y ser traicionada*” (ALLENDE, 2017, p. 202). Esse processo é bem explicado por Kristeva (1994, p. 25): “quando o estrangeiro – estrategista silencioso – não enuncia sua discordância, por sua vez ele se enraíza no seu próprio mundo de rejeitado que, supostamente, ninguém entende”, ou seja, no momento em que deixa de expor a sua indignação, Evelyn se afeiçoa ao sentimento de ser “outro”.

No Brooklyn, ainda no trecho de seu encontro com Richard, o personagem dirige uma pergunta em inglês a tartamuda. Em seguida, repete a mesma pergunta em espanhol: “*¿Hablas inglés?*” (ALLENDE, 2017, p. 36). Ao interrogá-la, Richard tenta estabelecer uma ponte de contato, utilizando a língua, porém Evelyn não fala a língua inglesa, tampouco o espanhol, optando pelo silêncio o que impede a integração entre os dois.

Evelyn não é parte desses espaços e se firma na posição de “outro”, e por localizar-se entre diferentes territórios culturais se encontra no “entre-lugar” (SANTIAGO, 1978). Em seu texto “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Santiago (2000, p. 26) declara que “entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu

templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino americana”. Podemos pensar o “entre-lugar” como o espaço típico do imigrante latino-americano, em função dos diferentes deslocamentos recorrentes para a composição cultural de países pós-coloniais. No entanto, diferentemente da perspectiva de Santiago que busca nominar a impureza dos contatos culturais, a personagem aqui analisada não se torna multicultural em sua constituição identitária já que não estabelece novas relações com a língua e a cultura dos outros. Portanto, se comporta, sempre estrangeira onde estiver, uma vez que não fala a sua língua e nem a língua do “outro”.

Deleuze e Guattari (1995) apresentam a figura do “livro” como “feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações.” (p. 2), do mesmo modo, a personagem de *Más allá del invierno* (2017) constrói a sua identidade a partir de diferentes acontecimentos e movimentos, por exemplo, quando passa a gaguejar ao passar por um trauma e, em seguida, deixa de falar a sua própria língua. Os autores continuam “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 2). Evelyn pode ser pensada a partir da figura do livro por também conter elementos que a relacionam ao seu país de origem e conter elementos de desterritorialização.

A figura de Deleuze e Guattari (1995) divide-se em dois tipos: o “livro-raiz” e a “raiz fasciculada”. O último tipo trata-se do fim da raiz principal que dá lugar a raízes secundárias, como explicam os autores:

O sistema-radícula, ou raiz fasciculada, é a segunda figura do livro, da qual nossa modernidade se vale de bom grado. Desta vez a raiz principal abortou, ou se destruiu em sua extremidade: vem se enxertar nela uma multiplicidade imediata e qualquer de raízes secundárias que deflagram um grande desenvolvimento. Desta vez, a realidade natural aparece no aborto da raiz principal, mas sua unidade subsiste ainda como passada ou por vir, como possível (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 3).

Ou seja, a raiz principal deixa de existir, mas suas (várias) raízes secundárias não. Evelyn se caracterizaria como “raiz fasciculada” por perder uma de suas características identitárias originais, a língua, pois dessa forma perde seu retorno imediato a sua raiz original, a Guatemala. No entanto, a sua raiz original não é excluída completamente, pois a língua não é a única característica identitária da Guatemala, assim a raiz primária ainda subsiste e ela continua a ser reconhecida como uma jovem guatemalteca até o final da narrativa.

No entanto, mesmo em virtude da perda da raiz original da fala, a tartamuda não aprende outro idioma, quer dizer, não constrói outras raízes. Desta forma, a gua-

temalteca pode se caracterizar como “livro-raiz” ou “livro pivotante”, o primeiro tipo de “livro” de Deleuze e Guattari (1995), tendo em vista que esse se multiplica de forma binária em que o “Uno que se torna dois, depois dois que se tornam quatro...” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 3). Isto é, esse tipo de “livro” se desenvolve sempre ligado à sua natureza primária, assim como Evelyn, que embora transite por outros países, carrega em seu estereótipo o retorno a sua unidade principal, o país em que nasceu.

Outro elemento interessante de construção de identidade cultural é o fato da personagem também se relacionar com seu país por sua memória afetiva através da sua religião. Durante toda a narrativa a guatemalteca regressa a sua identidade cultural quando reza pela moça assassinada que os protagonistas procuravam esconder: “*En el Subaru, Evelyn seguía rezando en susurros por Kathryn Brown, como hacían en su aldea por los muertos*” (ALLENDE, 2017, p. 170). Dessa forma, a gaga segue os ritos de sua religião, lembrando o costume do povo de sua aldeia de rezar pelos mortos, ou seja, referenciando sua raiz original. Além disso, ela realiza um velório para Kathryn de acordo com os realizados em sua cidade natal, como é descrito no trecho abaixo:

Por instrucciones de la muchacha, que asumió con naturalidad su papel de sacerdotisa, improvisaron algunos ritos funerarios elementales. En esos momentos se cerró un círculo para Evelyn, que no había podido decir palabra en el entierro de su hermano Gregorio y estuvo ausente en el de Andrés. Sintió que al despedir a Kathryn solemnemente honraba también a sus hermanos. En su aldea la agonía y el fallecimiento de un enfermo se encaraban sin aspavientos, porque la muerte es un umbral, como el nacimiento. Apoyaban a la persona para que cruzara al otro lado sin miedo, entregando su alma a Dios. En caso de muerte violenta, crimen o accidente, se requerían otros ritos para convencer a la víctima de lo sucedido y pedirle que se fuera y no volviera a espantar a los vivos. A Kathryn y al niño que llevaba adentro les faltó hasta el velorio más simple, tal vez no se habían enterado de que estaban muertos. Nadie había lavado, perfumado y vestido a Kathryn con su mejor ropa, nadie le había cantado ni se había puesto luto por ella, no sirvieron café, prendieron velas ni trajeron flores, tampoco hubo una cruz negra de papel para señalar la violencia de su partida. “Me da mucha pena la señorita Kathryn, que no tiene ni tan sólo un cajón o un lugar en el cementerio; pobre patojito sin nacer, que no tiene un juguete para el cielo”, dijo Evelyn.

Lucía mojó un paño y limpió la sangre seca de la cara de Kathryn, mientras Evelyn rezaba en voz alta. A falta de flores, Richard cortó unas ramas y se las puso entre las manos. Evelyn insistió en dejarle también la botella de tequila, porque en los velorios siempre había licor (ALLENDE, 2017, p. 331-332).

A narrativa contrasta os ritos funerários guatemaltecos e os realizados para Kathryn e seu bebê (ainda na barriga), fazendo referência à memória afetiva na qual Evelyn firma sua identidade. Dessa forma, a guatemalteca se conecta a sua raiz de origem mesmo em um outro país.

Considerando esses diferentes aspectos podemos afirmar que a figura da “raiz pivotante” representa Evelyn, posto que a medida em que a guatemalteca constrói novas raízes todas estão em volta da raiz original, mesmo que uma parte de sua raiz original, referente a língua, tenha perdido força. Para Deleuze e Guattari (1995), o “livro-raiz” nunca “compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas [...]. A raiz pivotante não compreende a multiplicidade mais do que o conseguido pela raiz dicotômica” (p. 3). Essa contraposição não é um problema, tendo em vista que Evelyn não constrói raízes fora da sua raiz principal e que a personagem não se torna múltipla em sua composição, embora esteja em um ambiente repleto de multiplicidade e faça parte desse múltiplo.

Conclusão

Com base nessas reflexões pode-se afirmar que Isabel Allende em sua obra *Más allá del invierno* (2017) trabalha o tema da identidade/alteridade através da guatemalteca Evelyn. A personagem migra de seu país de origem, passando pelo México, instalando-se nos Estados Unidos, onde reside e trabalha ilegalmente.

Evelyn Ortega nasce em território guatemalteco, fala a língua espanhola com acento da Guatemala, porém ao ver seu irmão mais velho ser assassinado, se torna gaga. Ao passar pelo segundo trauma - seu segundo irmão é morto em sua frente, enquanto é violentada - a personagem para de falar. Ao longo da obra, a protagonista passa a ser reconhecida como tartamuda modificando a sua identidade, isto é, sua identidade deixa seu caráter fixo e sofre um movimento, porém isso não acontece por conta de suas relações com outros grupos, mas sim em função de um acontecimento traumático. O primeiro deslocamento sofrido pela personagem ocorre em seu território, tendo em vista que estranha a sua língua materna (característica de sua identidade cultural), por causa de um trauma, se colocando na figura do “outro” dentro do seu próprio país.

Por estranhar sua própria língua, a guatemalteca atrela uma nova característica a sua identidade, a gagueira. Assim, se identifica com a figura do “livro” de Deleuze e Guattari (1995), que por sua vez se constrói a depender das datas e localidades. Como “livro”, Evelyn destrói uma de suas “raízes”, a língua materna, que a relaciona a sua identidade original, porém não constrói outras raízes, ou seja, não adquire uma nova língua, não podendo identificar-se como “raiz fasciculada”. Além disso, a tartamuda não absorve os costumes do país de destino e ainda é reconhecida como guatemalteca até o fim da narrativa, por conta das suas características físicas, estereótipo que remete a Guatemala, além de sua religião. Portanto, pode ser reconhecida como “livro-raiz”, tendo em vista que todas as “raízes” que se atrelam a sua identidade se ligam a sua “raiz” original.

Por não falar mais a língua de seu povo, a protagonista simbolicamente rompe um ponto de contato importante com seu país e se torna estrangeira em sua terra natal. Por não absorver novos costumes no decorrer da obra, não passa a pertencer às comunidades multiculturais dos Estados Unidos. Estrangeira onde quer que esteja, Evelyn nega esse espaço enquanto lugar de novas composições e rituais antropofágicos, vivendo a alteridade em seu estado mais radical, sendo outro para si e para os outros em função do trauma e do deslocamento.

Referências

- ALLENDE, Isabel. *Más allá del invierno*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, S. A. U, 2017.
- BERND, Zilá. Identidade. In: _____. *Literatura e Identidade Nacional*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo editorial; Editora da UFRGS, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: _____. *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*, v.1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. Sujeitos entre-línguas, entre-culturas em contextos de imigração no sul do Brasil: uma questão de bilinguismo? In: CAVALLARI, Juliana Santana; UYENO, Yoko Elzira (Orgs.). *Bilinguismos: Subjetivação e Identificações nas/pelas Línguas Maternas e Estrangeiras*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 177-193.
- FIGUEIREDO, Euridice; NORONHA, Jovita. Identidade nacional e identidade cultural. In: FIGUEIREDO, Euridice (org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Niterói: EdUFF, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 189-205.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 4 ed. Petropolis: Ed Vozes, 2005. p. 73-102.
- SOUZA, Neusa Santos. O Estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, Caterina (Org.). *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.
- UYENO, Elzira Yoko. A A-língua, língua materna, em escrita caipira multilíngue: migração temporal, letramento e identidade. In: CAVALLARI, Juliana Santana; UYENO, Elzira Yoko (Orgs.). *Bilinguismos: Subjetivação e Identificações nas/pelas Línguas Maternas e Estrangeiras*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 261-293.